

Santo Agostinho e o *De excidio urbis Romae sermo*¹

CARLOTA MIRANDA URBANO²

1. Depois da morte do imperador Teodósio em 395 d.C., Roma atravessa um período de insegurança do qual não recuperaria senão apenas por assomos intermitentes de reforço do poder central. O séc. V ficaria na História como o «fim» do império romano do ocidente que, não obstante, sobreviveu quer na sua herança cultural quer na forte «ideia de império» que, de quando em quando, ressurgiu na história da Europa e de que o exemplo mais carismático é o «império sacro-romano».

Um dos elos mais marcantes da cadeia da lenta transformação do império romano do Ocidente que constitui este período da história é, pelo seu carácter simbólico, o saque de Roma em 410, às mãos de Alarico e das suas tropas «bárbaras» que, sem grande resistência, saquearam a cidade durante três dias. O casamento de uma sobrinha e filha adoptiva do imperador Teodósio, Serena, com o semibárbaro de origem vândala, Flávio Estilício,³ a quem caberia reger o

¹ Os passos são citados na nossa tradução que tomou como base o texto latino fixado no *Corpus Christianorum, Series Latina XLVI, Pars XIII.2*, Brepols, Turnhout, 1969, 243-262, *cura et studio* M.-V. O'REILLY.

² Universidade de Coimbra.

³ Filho de uma romana e de um vândalo, Estilício não só casou com a filha adoptiva do imperador Teodósio como casou sucessivamente as suas filhas (Maria em 395 e depois Thermanthia em 408) com Honório, filho de Teodósio e herdeiro do império do ocidente. Estilício, após a morte de Teodósio, afirmou ter sido nomeado pelo próprio Teodósio tutor dos seus dois filhos Honório e Arcádio. Em relação a este, que era o mais velho, o oriente não lhe reconheceu a função e o senado de Constantinopla veio a considerar Estilício *hostis publicus*.

império do ocidente como tutor do jovem imperador Honório, parecia indiciar uma fusão de raças num império romano «universal». Um bárbaro a governar em Roma, e pacificamente! Mas, na verdade, estes resquícios da política filobárbara de Teodósio encontrariam em Roma grande resistência.⁴

Estilicão, embora tenha mantido afastada de Roma a ameaça do bárbaro Alarico, quer inicialmente com vitórias militares, quer depois por meio de negociações, deu aos seus inimigos o pretexto para, interpretando as suas relações negociais com Alarico, o acusarem de traição à pátria. Em Agosto de 408 foi julgado e executado como traidor. No Outono seguinte, Alarico está às portas de Roma e, só por um preço muito elevado que o Senado lhe paga, desiste do cerco. Exactamente dois anos depois da execução de Estilicão, em Agosto de 410, Alarico entrava na capital do Império pela porta *salaria*.

Foram três dias de saque, violações, incêndios, homicídios que feriram dramaticamente não só os que à altura viviam em Roma, mas o amor-próprio de todos os que se consideravam «romanos». Esta «humilhação» de Roma teria, com efeito, um valor emblemático para todo o mundo romano no contexto das décadas de lutas contra invasores que não raro eram povos *foederati* e das rivalidades entre as duas partes do império. O escândalo deixou testemunhos literários, como a célebre afirmação de S. Jerónimo: *capitur Vrbs quae totum cepit orbem*⁵ (foi vencida a cidade que venceu o mundo inteiro).

2. Mas, como o próprio Santo Agostinho afirma no sermão que aqui tomamos, e como adiante veremos, Roma não foi destruída. Muitos foram poupados à destruição, alguns porque se recolheram em lugares sagrados, outros porque conseguiram fugir. Com efeito, massas de refugiados deste saque espalharam-se pelo império, sobretudo no norte de África, onde chegou então a notícia escandalosa sobre o saque e o incêndio da cabeça do império. Santo Agostinho terá seguramente ouvido os relatos, os lamentos e as recriminações na efervescência de quem assistiu ao saque e o viveu na primeira pessoa.

Na senda do que já Tertuliano testemunhara no séc. II, não faltaram da parte da população pagã as acusações ao cristianismo.⁶ Os deuses antigos,

⁴ Com efeito, a resistência à política filobárbara de Teodósio que não excluiria a hipótese de um possível acordo com o próprio Alarico, veio a revelar-se, por exemplo, no fim da carreira política e da vida de Estilicão. Vd. V. MAROTTA «Il potere imperiale dalla morte di Giuliano al crollo dell'Impero d'Occidente», Storia di Roma, dir. A. MOMIGLIANO e A. SCHIAVONE, vol. I 1988. Cfr. p575.

⁵ S. JERÓNIMO, Carta 127, 12. Sobre os reflexos literários deste «escândalo» veja-se Pierre COURCELLE, *Histoire Littéraire de grandes invasions germaniques*, Hachette, Paris, 1964.

⁶ Vd *Apologeticum*, 40, 1-2. «(...) têm eles para si que, na origem de todas as calamidades públicas, de todos os desastres que desde o início dos tempos afligiram os povos, estão os cristãos. Se as águas do Tibre sobem até às muralhas, ou as do Nilo não sobem até aos campos, se as nuvens

abandonados pelos cidadãos de Roma e privados do culto que lhes era devido, vingavam-se desta forma. O Deus dos cristãos, por sua vez, fora incapaz de proteger Roma que jamais sofrera tal humilhação enquanto os deuses tradicionais tutelaram a cidade. Os próprios cristãos estariam confundidos ao assistir à humilhação da cidade que guardava os túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo, que era a capital do império católico, às mãos de um bárbaro herético. Santo Agostinho não tarda em responder a estas recriminações e perplexidades, primeiro em textos relativamente breves como os *Sermões*, para além de algumas referências em cartas, e depois, mais tarde, na célebre *Cidade de Deus*.

O sermão que aqui tomamos, o *De excidio urbis Romae*, teria seguramente no seu auditório muitos daqueles refugiados. Como ouviriam eles o orador desvalorizar a cidade de Roma nas suas célebres e opulentas construções, emblema da sua majestade política, para dela distinguir a verdadeira natureza da cidade, aqueles que a constituem, os seus habitantes? Por outras palavras, desvalorizar a *urbs* em benefício da *ciuitas*.

Pois julgais, irmãos, que a cidade, se mede pelos seus muros, e não pelos cidadãos? (VI) ⁷

Santo Agostinho introduz aqui a distinção entre as duas cidades, de ordem terrena e de ordem espiritual, a que alude em vários sermões da mesma altura⁸ e que defenderá sistematicamente na *Cidade de Deus*.

Alguns historiadores vêem no ano de 410 uma data capital no esboço de uma teologia política da parte de Santo Agostinho, uma data a partir da qual, perante as objecções e culpabilizações da parte dos adversários pagãos, o bispo de Hipona desenvolve uma resposta, com base nos factos que evidenciam a decadência e a queda do poder político de Roma e, conseqüentemente, do mito de Roma, cidade eterna.⁹

Mas, como alguns deles observam,¹⁰ a ideia que mais se impõe neste sermão não é tanto a de uma nova interpretação da «ideia de Roma», que aqui se encontra ainda incipiente, em gérmen, mas uma reflexão do tipo da exortação

do céu estão quietas, ou a terra se move, se vem a fome, se vem a peste, logo se ouve: 'Ao leão com eles!'.» Cfr. J. Carlos MIRANDA, *Tertuliano. Apologético*. Philokalia, Alacalá, Lisboa, 2002.

⁷ An putatis, fratres, ciuitatem in parietibus et non in ciuibus deputandam ?

⁸ P. exemplo os sermões 81, 105 e 296.

⁹ J. LAMOTTE, «Le mythe de Rome 'Ville Eternelle' et Saint Augustin», *Augustiniana* 11 (1961, 225-260); Paolo SINISCALCO, «Roma e le concezioni cristiane del tempo e della storia nei primi secoli della nostra era», *Atti del Seminario Internazionale di studi storici «Da Roma alla terza Roma»*, Roma, 1981, 31-61; F. PASCHOUD, *Roma Aeterna*, Roma, 1967. Este último, na p 264, nota 139.

¹⁰ P. ex. PASCHOUD, op. cit.

consolatória dirigida aos cristãos, face aos acontecimentos catastróficos do momento.

Com efeito, o que mais nos surpreendeu numa primeira leitura deste sermão foi o facto de nele parecer ter menor peso a polémica anti-pagã, que uma verdadeira reflexão sobre o sofrimento humano e a providência divina, reflexão fundada na Sagrada Escritura, na teologia cristã, nos *exempla* dos mártires e uma, dela decorrente, exortação dos fiéis à ascese.

O sofrimento, as adversidades, sobretudo as que recaem sobre o justo, são o tema deste sermão em que o pregador pretende consolar os fiéis exortando-os ao exercício da virtude da *Patientia* e da esperança na salvação eterna. O próprio pregador se coloca no papel de quem espera consolação, mas ao ouvir as suas palavras, temos a sensação de que já foi dado tempo ao lamento e ao escândalo, que urge ter um outro olhar, o da fé, sobre os acontecimentos.

Ouvimos falar de coisas terríveis: ruínas, incêndios, roubos, matanças, de pessoas submetidas a toda a sorte de violência. É verdade, ouvimos muitas coisas, por todas elas nos lamentámos, muitas vezes chorámos, dificilmente poderemos ser consolados; não contesto, não nego que ouvimos falar de todas as atrocidades que naquela cidade foram cometidas. (II, 3)¹¹

Mas, de seguida, o pregador avança com o exemplo do santo Job que sofreu muito mais que os que viviam então em Roma.

Como observa Fredouille, neste sermão Santo Agostinho estrutura a sua argumentação aproximando-a mais do tipo retórico da controvérsia judiciária do que do texto consolatório.¹²

A sua primeira preocupação é seguramente, perante a gravidade da situação, confortar os fiéis, mas talvez sobretudo, prepará-los para a tentação de prestar ouvidos aos pagãos e aos próprios cristãos que murmuram contra Deus e perdem a esperança. Assim, procura atrair o seu olhar, desviando-o da realidade terrena da Roma humilhada, para uma visão superior da realidade a que o cristão é chamado, esperando apenas nos bens eternos. Recordá-lhes, assim, o sentido do sofrimento e da tribulação como meio de purificação e aperfeiçoamento humanos. A argumentação dos acusadores e a sua confutação, porém, estão sempre presentes.

¹¹ Horrenda nobis nuntiata sunt; strages factae, incendia, rapinae, interfectiones, excruciationes hominum. Verum est, multa audiuimus, omnia genuimus, saepe fleuimus, uix consolati sumus; non abnuo, non nego multa nos audisse, multa in illa urbe esse commissa.

¹² J. C. FREDOUILLE, *Saint Augustin, Sermons sur la chute de Rome*, Nouvelle Bibliothèque Augustinienne 8, Institut d'Études Augustiniennes, Paris, 2004. Cfr. p25.

3. Santo Agostinho começa por evocar a figura do profeta Daniel, aquele que *confessa não só os pecados do seu povo como os seus próprios pecados (I)*¹³. Se o próprio Daniel confessa os seus pecados, quem poderá considerar-se limpo de pecado?

E admiram-se os homens, e quem dera que apenas se admirassem e não blasfemassem também, quando Deus repreende o género humano e o censura com o flagelo do piedoso castigo, fazendo disciplina antes do juízo, não escolhendo o mais das vezes quem põe à prova por não querer que aconteça que alguém se condene. Castiga então, ao mesmo tempo, o justo e o injusto.¹⁴ E todavia, quem se dirá justo se até Daniel confessa o seu pecado? (II)¹⁵

O pregador introduz aqui o tema principal do sermão. Ao longo da sua pregação, mostrará que o flagelo sofrido por Roma não foi a sua destruição nem condenação, mas uma repreensão, ou um castigo. E esse castigo atingiu o justo e o injusto, mas levanta a questão: haverá alguém inteiramente justo, isento de culpa, se até Daniel confessa o seu pecado? Com o tema da blasfémia introduz a questão, quer das acusações pagãs, quer das dúvidas cristãs que leriam no desastre de Roma uma falta de Deus para com o seu povo; evocando de seguida o exemplo bíblico da cidade de Sodoma, introduz a questão da responsabilidade humana individual mas também colectiva ou social na existência do mal e do sofrimento.

Santo Agostinho preocupa-se, a partir de agora, em demonstrar que, à diferença do caso de Sodoma, Deus poupou a cidade, não a destruiu, antes a puniu.

O que havemos de dizer, irmãos? Tremenda e veemente questão nos é aqui lançada, sobretudo por homens que, sem piedade alguma, assaltam as nossas escrituras (não decerto por aqueles que piamente as perscrutam) e que dizem, sobretudo acerca da recente destruição de tão grande cidade: «Não haveria em Roma cinquenta justos? Em tão grande número de fiéis, de pessoas consagradas, de tantos que vivem em continência, em tão grande número de servos e servas de Deus, não foi possível encontrar cinquenta justos, nem quarenta,

¹³ Intueamur primam lectionem sancti Danielis prophetae, ubi eum audiuimus orantem et mirati sumus peccata non solum populi sed etiam propria confitentem.

¹⁴ Cfr. Heb 12, 6.

¹⁵ Et mirantur homines, et utinam mirentur, et non etiam blasphemant, quando corripit Deus genus humanum et flagellis pie castigationis exagitat, exercens ante iudicium disciplinam et plerumque non eligens quem flagellet, nolens invenire quem damnet. Flagellat enim simul et iustos et iniustos, quamquam quis iustus, si Daniel peccata propria confitetur?

nem trinta, nem vinte, nem dez? Se isto é pouco provável, por que razão Deus por cinquenta ou mesmo por dez [justos] não poupou a cidade?» (...) Então, eu apresso-me a responder: «Ou encontrou aí alguns justos e poupou a cidade ou, se não poupou a cidade, é porque não encontrou nenhum justo.» Dir-me-ão que é evidente que Deus não poupou a cidade. Eu porém respondo: «Para mim, não é de modo nenhum evidente.» A devastação da cidade que então aconteceu não foi como a de Sodoma.¹⁶ Quando Abraão interrogou Deus, a pergunta era acerca de Sodoma. E Deus, então, disse: «Não destruirei a cidade»; não disse: «Não castigarei a cidade». Deus não poupou Sodoma, destruiu Sodoma, consumiu-a completamente nas chamas. Não lhe adiou o Juízo, mas exerceu sobre ela o que tem guardado para os outros perversos no dia do Juízo. De Sodoma não restou absolutamente nada (...) Da cidade de Roma, porém, muitos fugiram e não-de voltar, muitos ficaram e salvaram-se, muitos, nos lugares sagrados, não foram atingidos! «Mas – dir-me-ão – muitos foram levados como cativos». Também Daniel, não para seu castigo mas para consolação dos outros. «Mas muitos – dirão ainda – foram mortos.» Também muitos justos profetas *desde o sangue do justo Abel até ao de Zacarias*.¹⁷ Também os apóstolos, e o próprio senhor dos profetas e dos apóstolos, Jesus. «Mas muitos – dirão – foram atormentados por toda a sorte de aflições.» Imaginamos porventura que o foram tanto quanto o próprio Job? (II, 2)¹⁸

¹⁶ Cfr. Gen. 18, 24-33.

¹⁷ Mat. 23, 35; Luc. 11, 51.

¹⁸ Quid ergo dicemus, fratres? Occurrit enim nobis quaestio uehemens et ualida, praesertim ab hominibus qui scripturis nostris impietate insidiantur, non qui eas pietate requirunt; et dicunt maxime de recenti excidio tantae urbis: «Non erant Romae quinquaginta iusti? In tanto numero fidelium, tanto numero sanctimonialium, continentium, tanto numero seruorum dei et ancillarum, nec quinquaginta iusti inueniri potuerunt, nec quadraginta, nec triginta, nec uiginti, nec decem? Si autem hoc incredibile est, quare non deus propter quinquaginta, uel etiam propter ipsos decem pepercit illi ciuitati?» (...) Cito ergo respondeo: «Aut inuenit ibi tot iustos et pepercit ciuitati, aut, si non pepercit ciuitati, nec iustos inuenit.» Sed respondetur mihi, manifestum esse quod deus non pepercit ciuitati. Respondeo ego: «Immo mihi non est manifestum.» Perditio enim ciuitatis ibi facta non est, sicut in Sodomis facta est. De Sodomis enim quaestio erat, quando Abraham deum interrogauit. Deus autem dixit: «*Non perdam ciuitatem*»; non dixit: «Non flagellabo ciuitatem». Sodomis non pepercit, Sodomam perdidit; Sodomam penitus igne consumpsit. Quam ad iudicium non distulit, sed in ea exercuit quod aliis malis ad iudicium reseruauit. Prorsus nullus de Sodomis remansit. (...) Ab urbe autem Roma quam multi exierunt et redituri sunt, quam multi manserunt et euaserunt, quam multi in locis sanctis nec tangi potuerunt! «Sed captiui, inquit, multi ducti sunt». Hoc et Daniel, non ad supplicium suum, sed ad solacium ceterorum. «Sed multi, inquit, occisi sunt.» Hoc et tot iusti prophetae *a sanguine Abel iusti usque ad sanguinem Zachariae*. Hoc etiam tot Apostoli, hoc etiam ipse dominus prophetarum et apostolorum, Iesus. «Sed multi, inquit, tormentis variis ex cruciati sunt». Putamusne quisquam tantum quantum Job?

Estão estabelecidos os factos: Deus poupou a cidade, muitos escaparam, refugiados nos lugares sagrados que, apesar de heréticos, os invasores respeitaram, outros fugiram, e não-de voltar para a cidade. Na medida humana de justiça, haveria milhares de justos na cidade, por isso Deus a poupou e muitos sobreviveram. Santo Agostinho, por aqui, lança-se numa leitura teológica dos factos para concluir que a cidade foi repreendida ou corrigida, por misericórdia divina.

Por isso, meus irmãos, e apresso-me a concluir esta questão, se os justos assim se devem chamar, como segundo a medida humana é uso chamarem-se, em razão do trato que têm com os demais homens de sorte a viverem sem a ninguém ofender, muitos desses haveria decerto em Roma, por isso Deus os poupou e muitos conseguiram fugir; até mesmo os que morreram, Deus os poupou. Se eles morreram numa vida de bondade, na verdadeira justiça e na fé, não foram eles libertados das desventuras do infortúnio humano e não alcançaram a consolação divina? Morreram depois da tribulação. E como estava aquele pobre diante da porta do rico? Porventura passaram fome. Também ele passou. Padeceram chagas? Também ele padeceu, e talvez a eles os cães não lhas lambessem. Morreram? Também ele morreu, mas, ouvi, com que fim: *sucedeu que aquele homem pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão*.¹⁹ (V)²⁰

Mesmo os que morreram, se morreram na fé, foram poupados para a salvação eterna.

Oh! Pudéssemos nós ver as almas dos santos que morreram naquela guerra! Veríeis então como Deus poupou a cidade. Milhares de almas santas estão agora no Céu e jubilosas dizem a Deus: «Graças Vos damos Senhor, porque nos arrebatastes das aflições e dos terríveis tormentos da carne. Graças, Senhor, porque já não receamos nem os bárbaros nem o Demónio, já não tememos na terra a fome, nem o inimigo, nem a perseguição ou o opressor. Morremos na terra, mas junto de vós, Senhor, já não havemos de morrer, não por nossos

¹⁹ Luc, 16, 22.

²⁰ Ergo, fratres mei, illam quaestionem aliquando terminem. Si iusti sic appellandi sunt_ sicut modo quodam humano iusti appellantur, secundum quandam conuersationem qua inter homines uiuunt sine querela_ multi tales Romae, et propter hos pepercit deus; multi euaserunt; sed et his qui mortui sunt pepercit deus. Mortui enim in bona uita et uera iustitia et fide, nonne aerumnarum humanarum caruerunt casus et ad diuinum refrigerium peruenerunt? Mortui sunt post tribulationes. Quomodo pauper ille ante ianuam diuitis? Sed passi sunt famem? Passus est et ille. Passi sunt vulnera? Passus est et ille, forte minus eos canes linxerunt. Mortui sunt? Mortuus est et ille, sed quo fine audi: *Contigit inopem illum mori et afferri ab angelis in sinum Abrahae*.

méritos mas pela vossa Graça. Quão grande é a cidade dos humildes que tais coisas diz!». (VI, 7)²¹

Nas palavras de Santo Agostinho, esta é a «cidade dos humildes» que morreu na tribulação mas foi definitivamente salva da tribulação e nada tem a temer para sempre. Então, Roma também se salvou, ou salvaram-se, para além dos que escaparam, os que morreram na Graça de Deus. Roma sofreu uma tribulação, na qual o homem piedoso ou se salvou ou, no sofrimento, se corrigiu e aperfeiçoou enquanto o ímpio se condenou, quer esteja agora a sofrer as penas eternas, quer viva ainda e continue a blasfemar contra Deus. Ou talvez, interroga-se o pregador, talvez na sua misericórdia Deus lhe reserve a penitência nesta vida para que ele ainda se possa salvar.

Mas porque permitiu Deus que sofressem os justos? Evocando os *exempla* da Sagrada Escritura, do Antigo e do Novo Testamento, Santo Agostinho recorda o sofrimento de Daniel, que sofreu o cativo, o sofrimento dos profetas e dos apóstolos, o sofrimento dos mártires e do próprio Jesus, mas a figura a quem concede mais destaque é a Job, que o pregador recorda não só nos seus terríveis sofrimentos físicos e morais mas nas suas tentações. Job foi tentado a blasfemar contra Deus pela sua mulher, mas teve, perante o sofrimento, a melhor atitude. Ele representa para Santo Agostinho o extremo sofrimento humano:

Porém, caros irmãos, preste atenção a vossa caridade ao que eu digo. Quando ouvimos no livro do santo Job que, perdidos os seus bens, perdidos os seus filhos, nem o próprio corpo, a única coisa que lhe restava, pôde salvar, mas ferido de uma chaga da cabeça aos pés, permanecia na imundície, apodrecendo em ferida, a escorrer pus, coberto de vermes, torturado pelo terrível suplício das dores; se nos dissessem que a cidade inteira estava assim, sem nada de são, numa chaga terrível, e que os seus homens eram consumidos pelos vermes em vida, como se estivessem mortos, não era isto pior que aquela guerra? Penso que é mais fácil sofrer no corpo o golpe da espada do que os vermes, mais suportável escorrer o sangue das feridas que o pus, da putrefacção. Se virmos um cadáver em corrupção horrorizamo-nos, mas então é menor o sofrimento, ou mesmo nenhum, porque a alma está ausente.

²¹ Vtinam uidere possemus animas sanctorum qui in illo bello mortui sunt. Tunc uideretis quomodo deus pepercerit ciuitati. Milia enim sanctorum in refrigerio sunt, laetantes et dicentes deo: «Gratias tibi, Domine, quia nos carnis molestiis et tormentis noxiis eruisti. Gratias tibi, quia iam nec barbaros, nec diabolum formidamus, non timemus in terra famem, non timemus hostem, non timemus persecutorem, non timemus oppressorem. Sed sumus in terra mortui, apud te, deus, non morituri, dono tuo non merito nostro.» Qualis ciuitas est humilium quae ista dicit?.

Em Job, porém, estava presente a alma, que sentia, amarrada para que não pudesse fugir, submetida para sofrer, acirrada para que blasfemasse. (III)

Neste sofrimento, porém, como afirma o pregador, em tudo o que a alma suportava, era exercitada a sua paciência, provada a sua fé e confundido e vencido o Demônio tentador (III). À tentação da blasfêmia que a mulher lhe sugere, Job responde como *varão forte e fiel*: «se recebemos das mãos do Senhor os bens, porque não havemos então de suportar os males»²²? E prossegue:

Ele é Pai. Porventura deve ser amado quando acarinha e repudiado quando corrige? Não é Ele Pai, tanto quando promete a vida, como quando impõe a disciplina? Esqueces o seguinte: *Filho, ao aproximares-te do serviço de Deus, permanece na justiça e no temor e prepara a tua alma contra a tentação. Aceita tudo o que te tiver sido dirigido; no sofrimento resiste, e na humilhação tem paciência. Pois no fogo se provam o ouro e a prata; os homens agradáveis [a Deus], porém, nas chamas da humilhação*²³.(III)²⁴

É pela mão de Job que Santo Agostinho propõe a sua leitura ascética das tribulações da vida sobrevividas ao justo e ao injusto. Ele é o *exemplum* por meio do qual o pregador propõe aos fiéis uma visão superior do sofrimento humano. Job sofria o que suportava, porque sabia que, suportando as suas penas presentes, evitava as eternas. A sua mulher, que o tentou a blasfemar contra Deus, para assim morrer e pôr fim ao sofrimento, aborrecia o padecimento presente mas não pensava no sofrimento eterno, como se, diz Santo Agostinho, *àquele que morre na blasfêmia, não sobreviesse o sofrimento eterno*²⁵

Todos os males e penas do presente, o sofrimento, por piores que sejam, são leves, diz Santo Agostinho, se comparados ao sofrimento eterno da geena. Esse é o único que deve ser temido, porque eterno. Tudo o mais que o homem sofrer neste mundo, *se ele se corrigir, é para seu remédio*.²⁶

O sofrimento humano parece então um caminho privilegiado de ascese e de aperfeiçoamento que Santo Agostinho propõe a todo o cristão:

²² Job 2, 10.

²³ Ecli 2. 1, 4-5.

²⁴ Pater est; numquid amandus blandiens, et respuendus corripiens? Nonne ipse pater est, et promittens uitam, et imponens disciplinam? Excidit tibi: *Fili, accedens ad seruitutem dei, sta in iustitia et timore, et praepara animam tuam ad tentationem. Omne quod tibi applicitum fuerit, accipe: et in dolore sustine, et in humilitate tua patientiam habe. Quoniam in igne probatur aurum et argentum, homines uero acceptabiles in camino humiliationis.*

²⁵ Cfr. IV: Quasi uero morienti blasphemo non aeternus dolor succedit!

²⁶ Cfr. IV: Quidquid hic passus fuerit homo, si corrigatur, emendatio est.

Assim também, todo o cristão, quando padece algum tormento no seu corpo, pense na geena, e verá quão leve é o seu sofrimento. Não murmure ele contra Deus, nem diga: «Meu Deus, que vos fiz eu, porque sofro tais tormentos?» Diga antes o que disse Job, posto que santo: «*Vós vistes todos os meus pecados e os selastes como num alforge*». ²⁷ Não ousou dizer-se sem pecado, ele que sofria, não para ser punido, mas para ser provado. Diga o mesmo todo aquele que sofre. (IV) ²⁸

O sofrimento do justo não deve perturbar os cristãos. Trata-se de uma provação. Pois se o justo dos justos, o próprio Cristo sofreu o que sofreu... e Santo Agostinho desafia-nos a comparar o incomparável: Roma, o mundo inteiro, ou mesmo o céu e a terra a Cristo. Trata-se de comparar a criatura ao criador. E conclui: Se Deus, para nos curar, enviou o Seu Filho, saberá, certamente, como médico, o sofrimento que nos pode ser útil.

Assim, Roma não foi castigada, porque não se perdeu, mas foi corrigida com o melhor remédio. E oxalá, afirma Santo Agostinho,

Oxalá isto sirva de exemplo a temer e que o mundo, sedento de perversas concupiscências, ávido de desfrutar perniciosas volúpias, mostrando o Senhor quão instáveis e efémeras são todas as vaidades do século e loucas as suas mentiras, antes se modere que murmure contra o Senhor perante os merecidos flagelos. (VIII) ²⁹

Para o ímpio, o sofrimento é remédio e correcção. Para o justo, o sofrimento é provação e caminho de aperfeiçoamento e ascese, através do exercício da virtude da *Patientia*.

Com razão está escrito: *que a Paciência realize com perfeição a sua obra*. ³⁰ Qual será então a obra da Paciência se não suportarmos nenhuma adversidade?

²⁷ Job 14, 16-17.

²⁸ Sic unusquisque Christianus quando aliquam difficultatem corporis patitur gehennas cogitet; et uideat quam leue est quod patitur. Non murmuret aduersus deum, non dicat: «Deus, quid tibi feci, quare ista patior?» Immo dicat quod ipse Job dixit quamuis sanctus: *Exquisisti omnia peccata mea et ea tamquam in sacco signasti*. Non se ausus est dicere sine peccato, qui patiebatur, non ut puniretur, sed ut probaretur. Hoc dicat unusquisque cum patitur.

²⁹ Atque utinam ualeat ad exemplum timoris, et mala concupiscentia sitiens mundum, et appetens perfrui perniciosissimis uoluptatibus, demonstrante domino quam sint instabiles et caducae omnes saeculi uanitates et insaniae mendaces, potius refrenetur quam sub flagellis dignissimis aduersus dominum murmuretur.

³⁰ Tgo, 1, 4.

Porque razão recusamos suportar os sofrimentos temporais? Porventura temos medo de sermos aperfeiçoados? (VIII)³¹

4. Concluindo. Como parece muito claro pelos passos citados, mais que polemizar a «responsabilidade» dos cristãos no declínio do poder político de Roma, Santo Agostinho preocupa-se em consolar os seus fiéis, quer desenvolvendo o tema da Providência de Deus, quer exortando-os à ascese pela *Patientia*, apontando para a distinção clara entre os bens temporais e os eternos - nos quais deve pôr a sua esperança o cristão - bem como entre os sofrimentos temporais e os eternos. Quanto aos sofrimentos temporais, eles podem ser uma via de correcção do homem que Deus, na sua misericórdia, lhe permite, ou mesmo, via de aperfeiçoamento. Esta leitura do sofrimento, de resto, é muito semelhante à do estoicismo de Séneca.³² Não esqueçamos o quanto contribuiu para a formulação ética do cristianismo a verdadeira confluência de uma *koinê* filosófica que o estoicismo integrava plenamente e graças à qual podemos identificar no cristianismo nascente um diálogo intenso com as correntes filosóficas da época.

Já neste sermão, pois, se vislumbra que, embora sensível à angústia do declínio político do império de Roma, Santo Agostinho invoca a transitoriedade dos impérios terrestres, encorajando os seus fiéis a esperar no único império seguro, o da vida eterna. Roma serve, assim, como um *exemplum* para argumentar a fragilidade das coisas do mundo e o valor ascético da doutrina cristã sobre o valor do sofrimento humano.

³¹ Certe scriptum est: *Patientia opus perfectum habeat*. Quod erit autem opus patientiae, si nihil aduersi patiamur? Cur ergo mala temporalia perpeti recusamus? An forte perfici formidamus?.

³² Por exemplo, no *De Prouidentia* fica muito claro que a aceitação do sofrimento enriquece o homem no conhecimento de si próprio e da realidade humana. O sofrimento é ocasião de exercitar a virtude: calamitas uirtutis occasio est (4, 6). Mas esta figura do sábio estóico provado no sofrimento é recorrente em Séneca.